



**A REPRESENTAÇÃO DOS GÊNEROS EM JOÃO CABRAL DE
MELO NETO**

**THE REPRESENTATION OF GENDERS IN JOÃO CABRAL DE
MELO NETO**

Simião Mendes Júnior¹

Recebimento do texto: 20/03/2018

Data de aceite: 17/04/2018

RESUMO: João Cabral de Melo Neto é conhecido como o poeta antilírico e antissentimental por excelência, devido a sua produção poética racional preocupada com o papel da palavra e a construção obsessiva da estrutura do poema, o que lhe rendeu a alcunha de poeta-engenheiro. Grande parte da crítica se debruça aos estudos dos aspectos metalinguísticos e intertextuais na obra cabralina, deixando outros pontos relevantes de lado. Este artigo visa observar como o poeta retrata o masculino e o feminino em sua obra. Procura-se verificar as metáforas que João Cabral utiliza para a representação dos gêneros. Tomaremos por base, textos de Lauro Escorel e Marta Peixoto, dentre outros, observando como os críticos analisam tal representação na obra do poeta pernambucano.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Feminino; Gênero; Erotismo; Poesia antilírica.

ABSTRACT: João Cabral de Melo Neto is known as the antiliric and anti-sentimental poet par excellence, due to his rational poetic production concerned with the role of the word and the obsessive construction of the structure of the poem, which earned him the nickname of poet-engineer. Much of the criticism focuses on the study of metalinguistic and intertextual aspects in Cabral's work, leaving other relevant points aside. This article aims to observe how the poet portrays the masculine and feminine in his work. It is tried to verify the metaphors that João Cabral uses for the representation of the genres. We will take as a basis, texts by Lauro Escorel and Marta Peixoto, among others, observing how critics analyze such representation in the work of the poet from Pernambuco.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Feminine; Gender; Erotism; Antiliric poetry.

¹ Mestrando em Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás – UFG. Contato: simiao.junior.ufg@gmail.com





Considerações iniciais

Luiz Costa Lima, Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin e Vitorino Nemésio são alguns dos críticos que dedicaram estudos sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, discutindo os aspectos metalinguísticos, intertextuais e sociais na obra do poeta Pernambucano.

É inegável que o nome de João Cabral ocupa lugar importante na nossa literatura, dividindo espaço com outros nomes também importantes, como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Seus versos caracterizam uma nova perspectiva na lírica brasileira: a da poesia racional, construída e arquitetada a partir de metáforas, de figuras de linguagem e da estrutura sólida de versos metrificados - em grande parte em quadras - além do recurso do *enjambement*, termo francês para um processo poético que consiste no desalinhamento da estrutura métrica e sintática de uma composição, outra recorrência na poética cabralina. Somando a isso, as temáticas na obra do poeta também são de particularidade singular.

João Cabral iniciou na poesia com o livro *A pedra do sono* em 1942, livro com forte influência cubista onde o poeta oscila entre a técnica imagística do surrealismo e o intelectualismo de Mallarmé.

Dentre os temas principais desta obra inicial, está a descrição do onírico, revelando o interesse de Cabral pelos estados fronteiraços entre o sono e a vigília. Entretanto, a influência das vanguardas europeias foi abandonada logo na obra de estreia e, depois de uma publicação onde glosa o poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade (*Os três mal-amados*, de 1943), João Cabral encontra enfim sua verve poética na publicação de seu terceiro livro, *O Engenheiro*, de 1945, obra que solidifica seu estilo de poesia produzida “mais por transpiração do que por inspiração”, a partir da labuta e





esmero demasiado, quase que obsessivo, com o qual o autor se lança à construção de seus versos, na busca da palavra objetiva e exata que se iguala à aridez do solo nordestino, o que lhe rendeu a alcunha de poeta-engenheiro e arquiteto das palavras que compunha uma poesia antilírica e anticonfessional, onde não há espaço para a representação do eu, tão característica no gênero lírico.

Cabral opta por representar em sua poesia, o fazer poético através da metapoesia, fazendo uso de imagens metafóricas, como a pedra e a faca. Mas outros temas são recorrentes e importantes para pensarmos a poética cabralina. Dentre eles, a representação de Pernambuco, sua terra natal, e de Sevilha, cidade espanhola que o poeta tanto admirava. Além da poesia social e da já mencionada metapoesia.

Tais temas são recorrentes na fortuna crítica do poeta, sendo fontes de estudos que visam demonstrar a grandiosidade e particularidade da lírica (ou antilírica) de João Cabral de Melo Neto. Todavia, alguns aspectos importantes de sua obra carecem de estudos mais aprofundados: o humor, o erotismo e a representação dos gêneros, são alguns exemplos destes aspectos pouco explorados pelos críticos.

Sendo assim, este artigo visa apresentar como o poeta representa os gêneros masculino e feminino em sua arte poética. Para tanto, utilizaremos alguns textos críticos que discutem tal tema, tendo como *corpus* dois textos elementares: o primeiro, de Marta Peixoto intitulado *‘Um pomar às avessas’ – Gênero e Figuração da escrita em João Cabral*, publicado em 2000, onde a autora discute como o poeta representa os gêneros em sua obra a partir das imagens metafóricas das quais utiliza, e o segundo, do crítico Lauro Escorel, *A pedra e o rio – Uma interpretação de João Cabral de Melo Neto*, publicado em 2001. Neste, o que nos interessa é o capítulo sete, onde o crítico discute como se dá a representação da mulher na poesia cabralina.





Vale ressaltar que a representação do gênero feminino é uma temática que já possui alguns estudos relevantes, dos quais buscaremos suporte para entender o lirismo próprio de João Cabral, com o intuito de ver em que medida o autor reformula os conceitos cristalizados desde o romantismo a respeito de tal representação.

Já se tratando da representação do gênero masculino, o tema ainda carece de aprofundamento, tendo sido o texto da Marta Peixoto o único encontrado para as reflexões que buscamos atingir como objetivo deste artigo.

As temáticas do universo poético de João Cabral

João Cabral de Melo Neto despreza o lirismo tradicional, bem como o seu subjetivismo e exagero metafórico ao conceber uma poesia arquitetada, criada a partir da labuta - do escrever e reescrever - e não de *insights*, inspirações ou, de como diria Ferreira Gullar, do espanto.

A busca pela palavra ideal é obsessiva. Uma vez escrita, ela é retomada, em novas sugestões, até a exaustão em imagens metafóricas, só se encerrando com o “click da caixinha” que segundo Cabral, é o sinal de que o poema está pronto. Seu universo poético tem como temáticas básicas: o nordeste, nas figuras dos retirantes, das tradições, do folclore, dos engenhos e de Pernambuco, sua terra natal; a Espanha, nas paisagens, nas pessoas, nos costumes e, principalmente, na cidade de Sevilha; e por fim, a arte, representada nos poemas em homenagem a outros poetas, pintores, escultores e, principalmente, à própria poesia, em seus metapoemas.

A poesia de Cabral resulta da intensa reflexão e elaboração, representando a instauração, na lírica brasileira, de uma poesia construtiva, racionalista e objetiva, que se opõe à família da poesia expressiva, subjetiva e irracional.





Mesmo tendo a característica de um poeta racionalista, Cabral não deixa de apresentar em sua poética uma lírica que retrate a figura feminina que, juntamente a representação do eu lírico, é um dos eixos centrais do fazer poético. Todavia, a lírica cabralina se manifesta de maneira muito particular, que nada se aproxima da tradicional lírica que presta tributo à herança de representação feminina deixada por Petrarca que perdura na lírica desde sempre. Este é um dos pontos que pretendemos demonstrar neste artigo: aprofundar o exame da figura da mulher em suas múltiplas e complexas manifestações, buscando demonstrar o processo cabralino de construção da imagem feminina que por sua vez, sugere uma metaforização entre diferentes representações de imagens, seja na arquitetura, na escultura, na pintura, na dança e na música, como veremos a seguir.

O *gender* na representação cabralina

Marta Peixoto, no texto *'Um pomar às avessas' – Gênero e figuração da escrita em João Cabral (2000)*, discute a questão da representação do gênero na obra do poeta pernambucano. A autora confessa, que logo no início do ensaio, percebe-se o gradativo aumento dos estudos em torno do gênero:

Com a crítica feminista norte-americana e europeia, o *gender* ou o gênero sexual –i. é, as construções culturais e simbólicas que tomam por base as diferenças biológicas dos sexos – passou a funcionar como categoria analítica e a ser reconhecido como importante fator na produção, circulação e recepção do discurso literário. [...] Depois de uma fase inicial em que o interesse desta corrente crítica se voltou quase exclusivamente para o feminino – suas representações, produção cultural de mulheres, debates sobre a *écriture féminine* -, sobreviveram novas linhas de investigação nas últimas duas décadas, a partir do reconhecimento de que a escrita masculina também se encontra marcada pelo gênero e que estudá-la deste ponto de vista pode ser proveitoso (PEIXOTO, 2000, p.229).





Ou seja, para a crítica, os estudos em torno da representação do gênero, tanto feminino quanto masculino, apresenta um campo interessante na interpretação dos discursos literários, esteja ele inserido na prosa ou na poesia. A partir da apresentação dessa importância do estudo dos gêneros, Marta afirma que pretende indagar a função desempenhada pelos valores tradicionalmente designados como masculino e feminino na poética cabralina, fazendo isso através da representação das imagens da sexualidade masculina na poética de João Cabral que se dá, como a própria autora afirma, por intermédio de imagens como facas, pedras, balas enterradas no corpo ou na figura de toureiros, como no poema “Alguns toureiros”, da obra *Paisagens com Figuras* (1955):

[...]
sim, eu vi Manuel Rodrigues,
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:
como domar a explosão
com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,
e como, então, trabalhá-la
com mão certa, pouca e extrema:
sem perfumar sua flor,
sem poetizar seu poema
(MELO NETO, 1997, p. 131).

Segundo Marta Peixoto, o poema apresenta modelos másculos da arte de tourear que representam, de forma figurativa, o próprio ofício poético, nos diversos tipos de poesia, que em Cabral se configura como arte viril, nos moldes cabralinos, de uma produção racional:

A arte de tourear é comparada ao ofício poético que se apresenta como arte viril: são precisas uma coragem e uma habilidade extremas para dominar a explosão, para evitar os excessos e descontroles que o revento lírico pode desencadear, só assim é





possível atingir a medida justa, nem perfumada nem poetizada
(PEIXOTO, 2000, p.230).

No trecho destacado, percebe-se que Cabral trata a poesia (e aqui ele destaca a sua poesia) como uma arte propriamente de força masculina. Não que seja restrita aos homens, como veremos mais adiante, mas no sentido de que é preciso virilidade para que a mesma não se desgoverne nos excessos da lírica romântica, representada no poema na imagem da flor, elemento feminino que o autor controla. O mesmo ocorre, segundo Marta, no poema “A palo seco”, onde o cante a palo seco, canto flamenco sem o acompanhamento instrumental (se assemelhando com o que é conhecido por aqui como canto à capela), é revestido de atributos viris, por representar uma voz que corta sozinha o silêncio, como se fosse uma lâmina, rompendo-o numa imagem quase que erotizada. Em ambos os casos, o toureiro e o cante a palo seco, são imagens de conotação masculina que representam a poesia que Cabral tem como ideal.

Como já foi mencionado, apensar de enxergar o ofício poético como uma força de virilidade masculina, Cabral não restringe a arte de escrever somente aos homens. Isso fica claro quando na antologia *Poesia Crítica*, de 1982, o poeta tece elogios às representantes femininas, tanto do fazer poético quanto do mundo das artes, onde percebe “a arte praticada por estas mulheres – todas elas vistas como exemplares – se situar numa continuidade absoluta com a dos criadores masculinos” (PEIXOTO, 2000, p.233). Ou seja, Cabral reconhece a grandeza de figuras como Marianne Moore e Sophia de Mello Breyner Andresen, na poesia, e Mary Vieira e Vera Mindlin nas artes plásticas. Todavia, tal grandeza está relacionada a uma força masculina. Sendo assim, o poeta, por um lado, coloca tais mulheres em plano de igualdade com os homens e, ao mesmo tempo, distingue-as de qualquer feminino cultural ou biológico que venha diminuir ou mesmo menosprezar





seu trabalho no campo artístico. Para ele a poesia tem um impacto masculino, mas a mulher “também a pode praticar” (PEIXOTO, 2000, p.234)”.

Cabe aqui registrar que no poema “Elogio da usina e de Sophia de Mello Breyner Andresen”, Cabral compara a poetisa à imagem da usina, numa metaforização que iguala sua força poética com a de produção das máquinas. A imagem da usina, por outro lado, é um elogio à modernidade, ao avanço. Percebe-se, então, que a escolha da imagem para representar a verve da poetisa portuguesa faz alusão à ideia da mulher como figuração do progresso, sendo a presença feminina, o elemento que possibilita a modernidade, a evolução. Sendo assim, é impossível relacionar João Cabral com qualquer imagem machista que seja.

No poema “Estudos para uma bailadora andaluza”, Marta Peixoto também destaca o cruzamento das fronteiras entre os sexos, permitindo às mulheres a prática da arte marcada pelo masculino. O desprezo de Cabral pelo feminino cultural se dá desde a escolha do termo “bailadora” ao invés de “bailarina”, que habita no ideal feminino tradicional. Além disso, Cabral opta por comparar no poema os movimentos e as características da bailadora ao de um rude e robusto camponês e não a de uma doce e feminina camponesa. Estas são outras provas de que a força masculina é o que rege a representação feminina na poesia cabralina, contrariando o molde clássico que pende para o feminino cultural. Aqui a bailadora tem vitalidade masculina, e a progressão de sua dança é marcada por uma virilidade que se encerra na imagem da espiga, uma imagem fálica utilizada para representar uma manifestação artística feminina.

Segundo Marta Peixoto, é possível associar e remeter tal representação a uma interpretação psicanalítica, recorrendo à imaginária mulher fálica freudiana:





[...] uma fêmea possuidora do órgão genital masculino ou dos seus símbolos. Em Cabral a referência é não só aplicável à bailadora andaluza, cujo corpo assume por inteiro o aspecto de um falo, mas também a algumas mulheres acima citadas, cujos textos ou realizações plásticas são descritos através de imagens de igual teor (PEIXOTO, 2000, p.235).

Percebe-se assim, que a manifestação artística feminina, encontra-se sempre comprometida e imbricada com o masculino cultural. Já o feminino cultural e a reprodução biológica surgem muitas vezes ligados à criatividade descontrolada, ao lirismo desmedido que não possui a racionalidade e lucidez que são os ideais da poética racional cabralina. Sendo assim, há uma conexão, segundo Marta Peixoto, de causa e efeito entre a poesia construída e a imagem do poeta como ser masculino, mesmo se tratando de uma poetisa. Para Marta Peixoto:

As imagens de poder masculino incluídas no seu projeto poético estariam encarregadas de afirmar uma obra não comprometida com um subjetivismo exacerbado e “fraco”, para não dizer feminino, e, pelo contrário, de um instrumentalismo eficaz, que em certos momentos ambiciona não só dar a ver como também a combater condições injustas no mundo social (PEIXOTO, 2000, p.237).

O trecho destacado confirma que Cabral filia sua poesia à instância de poder masculino de simbolização cultural, combatendo a poesia subjetiva, tida como inspirada e feminina. Sendo assim, fica visível a assimilação da potência sexual masculina à eficácia poética na obra de Cabral.

Como um último exemplo, Marta Peixoto cita o poema “tecendo a manhã”, onde fica evidente, quando o poeta invoca o galo no desempenho da função que lhe é exclusiva enquanto macho de sua espécie de anunciar, com seu canto (e aqui, mais uma vez o canto como metaforização de força masculina) o nascer de um novo dia.





Para finalizar, a autora afirma que seu propósito com o ensaio não é de reivindicar um Cabral feminista, mas sim, de observar certas configurações em sua poética, interpretando-as de forma a fazer realçar na obra certos aspectos menos óbvios e já trabalhados a exaustão pela fortuna crítica do poeta. Para a autora, o exemplo das artistas com acesso a poéticas fortes e masculinizadas se, por um lado, pode ser interpretado como excludente de valores culturais femininos, também pode por outro ser visto como crítica a uma hierarquia que prende as mulheres a determinado tipo de características, saberes e fazeres limitativos e impeditivos de outras opções.

Para combater isso, Marta Peixoto afirma que uma leitura mais dedicada poderá até sublinhar aspectos desta figuração de escrita surpreendentemente afins dos projetos do feminismo e do estudo dos gêneros, projetos empenhados em estudar a produção discursiva de relações de poder definidas pelo gênero sexual e, em última análise, apostados em desfazer tais hierarquias. Para todos os fins, a autora finaliza pontuando e deixando bem claro que, apesar de se apegar a uma força masculina na sua poética, não podemos, como já dito, afirmar que João Cabral prega a exclusão feminina em sua poesia:

A figuração da escrita em Cabral, em que tantas vezes se inscreve o acesso a um poder masculino, não impõe, em suma, uma leitura também masculinizante, pois na especificidade da sua execução, delinea um contexto em que outras lutas – mesmo e paradoxalmente a feminista – se podem inserir (PEIXOTO, 2000, p.239).

A representação da mulher em João Cabral

Em *A pedra e o rio – Uma interpretação de João Cabral de Melo Neto* (2001), especificamente no capítulo sete, Lauro Escorel reflete a forma como João Cabral representa o feminino em sua obra poética.





A busca pela produção poética objetiva, que procura atingir a inteligência e não o sentimento parece ser a tônica da obra do poeta. Em seus poemas, nos deparamos com um eu lírico que não se envolve sentimentalmente com a situação que apresenta, seja em um poema no qual descreve uma paisagem, seja no poema em que descreve uma figura ou manifestação de arte. E é exatamente essa particularidade da falta de envolvimento que caracteriza a representação da mulher em João Cabral. Sendo assim, segundo o crítico, sendo a lírica de Cabral “descarnada e anti-sensual, tomando como paradigmas estéticos o deserto, o sol e a pedra, a poesia de Cabral de Melo teria de tratar, por uma questão de coerência lógica, o tema feminino de modo ascético e antierótico.” (ESCOREL, 2001, p.87).

Escorel é um dos primeiros críticos a dedicar um capítulo especial à mulher na poesia cabralina, com uma peculiaridade: propõe a interpretação dos poemas a partir da psicologia junguiana:

É verdade que, no seu primeiro livro, Eras surge como força perturbadora de um espírito adolescente às voltas com suas primeiras angústias, vagos pressentimentos mórbidos e terrores noturnos, que levam o poeta a saudar a manhã nascente como um riso de fada [...] o conflito entre as solicitações sexuais e as inquietações espirituais da adolescência, idade em que, segundo Jung, ocorre, com o desenvolvimento da consciência, a separação da mãe, de ambos os pais, do inconsciente e do mundo instintivo (ESCOREL, 2001, p.87).

Entretanto, seu estudo se limita aos poemas de *Pedra do sono* (1942) e *A educação pela pedra* (1966). Ainda sobre a obra de estreia em sua interpretação psicológica, Escorel afirma que

Todos os poemas de *Pedra do sono* traduzem essa luta de uma consciência, que começa a emergir da primitiva identidade com a mãe, com a componente feminina da psique do homem, mais particularmente da *anima*, expressão do inconsciente, na qual se originam os sentimentos nebulosos, os pressentimentos





misteriosos e as intuições reveladoras, como também as angústias indefinidas, as depressões inexplicáveis, os temores da doença e da morte, estados psíquicos pré-neuróticos que podem ordenar o indivíduo ao monólogo, e lhe tornar impossível viver com espontaneidade os próprios sentimentos e emoções de sua natureza instintiva (ESCOREL, 2001, p.88).

Sendo assim, as mulheres em *Pedra do sono* são imagens latentes que surgem de forma difusa, em planos nebulosos e escuros ou em retratos. Elementos provenientes do estado de sono que o poeta transfigura de seus “sentimentos nebulosos” para o plano consciente, em uma escrita marcada pelo surrealismo que era a verve do poeta em suas primeiras manifestações poéticas.

Já no segundo livro, *Os três mal-amados* (1943), João Cabral parece questionar a figura feminina de *Pedra do sono*. O poeta reapresenta o poema “Quadrilha” de Carlos Drummond a partir dos três homens – João, Raimundo e Joaquim – e a relação de cada um deles com suas respectivas amadas: Teresa, Maria e Lili. A primeira imagem, Teresa, não é tratada de forma lúcida e objetiva. É uma mulher “um vulto em outro continente”. Esta primeira imagem feminina apresentada e, em todo o texto, revista pelo poeta, parece ser tudo o que ele não deseja apresentar em seus poemas. Já Maria, a segunda mulher, parece sim ser o ideal que o poeta busca para representação feminina. Maria é “mulher-praia”, “sem mistério e sem profundidade”. Ela é representada em figuras características da poética cabralina, como elementos naturais e objetos, sendo o exemplo de clareza e lucidez que Cabral busca em sua poesia para confrontar o lirismo noturno da tradição poética. Escorel diferencia as duas representações,

Maria parece ser, no seu tríplice aspecto de *água, madeira e terra*, um símbolo da mãe que o poeta “perdeu” ao entrar na puberdade, e à qual anseja obscuramente retornar. Teresa, de outro lado, parece revelar uma lembrança erótica de uma mulher





determinada, experiência vivida mais em sonho do que em realidade (ESCOREL, 2001, p.88-89).

Já Lili, a terceira mulher é o amor de Joaquim, esgotando-o por completo. Isso fica claro em suas descrições sobre o amor, que dele, devora tudo. É a representação do amor e da mulher idealizada pelos poetas românticos, aquela que tormenta a subjetividade do vassalo que sofre por um amor que não se concretizará. É justamente a figura feminina que Cabral tenta combater.

Segundo Lauro Escorel, a representação feminina desaparece completamente da poesia cabralina a partir de *O engenheiro*, que passa a desenvolver-se “em torno de uma temática obsessivamente geometrizar e mineral.” (ESCOREL, 2001, p.89).

Tal enfoque negativo da mulher se mantém em *Psicologia da composição*. Obra em que o poeta parece combater com veemência a representação romântica da mulher,

[...] os três poemas daquele livro constituem uma verdadeira diatribe contra o lirismo noturno e, em consequência, indiretamente, contra tudo o que a mulher representa de sonho, de sensualidade erótica, de criação amorosa, de fecundidade e de comunhão afetiva. O sol substitui a lua – que jamais tornará a ser mencionada na obra cabralina – e o deserto passa a ser cultivado “como um pomar às avessas” (ESCOREL, 2001, p.89).

Será somente no livro *Quaderna* que a mulher ressurgue como tema poético. A leitura de Escorel, apesar de se restringir a parte da obra do poeta nordestino, aponta questões importantes para a investigação da temática feminina. A outra questão que poderia ser proposta a partir do estudo de Escorel (2001), é a da ausência do erotismo na poesia cabralina. Segundo o autor:





O que Cabral de Melo realmente consegue evitar, fiel à sua atitude ascética, é a complacência sensual na descrição da mulher; o que ele procura conter é a livre expansão da força erótica da natureza masculina, que conduz tantos outros poetas ao sensualismo, quando não a um franco erotismo exibicionista. Não que o poeta pernambucano seja sensível à atração de Eros: a tensão de seus poemas, inspirados na mulher acusam, ao contrário, uma forte sensualidade contida e transmutada em beleza poética. O que ocorre é que Cabral de Melo focaliza a mulher mais em termos de espaço do que de tempo (ESCOREL, 2001, p.90-91).

Cabral de Melo representa a mulher como um *objeto* do qual se mantêm desligado; descrevendo-a, de forma indireta, vendo na mulher mais um refúgio (novamente a influência junguiana na interpretação de Escorel) do que um objeto de deleite erótico.

Finalizando seu texto, Lauro Escorel chama a atenção para o poema “Jogos frutais” que segundo o crítico, é uma exceção no conjunto da obra poética de Cabral no que se refere à representação erótica da mulher.

Obedecendo ao mesmo processo da oposição entre o que a imagem oferece externa e internamente, o poema explora a sensorialidade da textura, da luminosidade, da forma e do gosto da “fruta-mulher”,

*De fruta é tua textura
e assim concreta;
textura densa que a luz
não atravessa.
Sem transparência:
não de água clara, porém
de mel, intensa.
Intensa é tua textura
porém não cega;
sim de coisa que tem luz
própria, interna.
E tens idêntica
carnação de mel De cana
e luz morena.*





“Jogos frutais” (MELO NETO, 1997b, p. 248) é de longe o poema mais erótico de toda a poesia cabralina. O poema surpreende pela sua forte sensualidade. Segundo Escorel:

É certamente o poema mais erótico da obra cabralina, ainda que seu erotismo seja, como sempre, expresso de forma oblíqua: o poeta não se deleita propriamente na fruição direta do corpo feminino; mas descreve lascivamente as qualidades de cada fruta pernambucana que podem sugerir a voluptuosidade da carnação da mulher (ESCOREL, 2001, p.99).

Segundo o crítico, em “Jogos frutais” João Cabral, parece haver, por um momento, baixado a sua guarda, “permitindo que a sensualidade tropical fluísse em liberdade na sua, de ordinário, ascética natureza” (ESCOREL, 2001, p.99).

Considerações finais

De acordo com os estudos apresentados, percebemos que a representação dos gêneros na poética de João Cabral se dá de duas maneiras: o masculino é representado em imagens fálicas, que de uma maneira ou outra, caracterizam a virilidade da escrita racional, da poesia cerebral e arquitetada, seja na representação da faca, da bala, do canto, do toureiro, do galo, etc. É a força masculina que rege a potencialidade da poética idealizada por Cabral.

Já o gênero feminino é representado de maneira contrária à tradição lírica ocidental herdada pela poesia petrarquiana, aquela que produz as imagens da mulher casta e romântica, dotada de belezas físicas e idealizada como amada, esposa e mãe ou exaltada por seus atrativos sexuais.

Luiz Costa Lima em *A traição conseqüente ou a poesia de Cabral* (1968) caracteriza o antilirismo amoroso cabralino como traição às tradições da lírica brasileira, sobretudo ao já mencionado modelo petrarquiano.





Nesse sentido, o antipetrarquismo de Cabral, observado pelo crítico, vincula-se à rejeição do poeta nordestino a qualquer tipo de ilusionismo poético que o distanciaria da presença concreta do objeto que visa representar. Sendo assim, a mulher na poesia de João Cabral é objeto concreto, é clara, luminosa, cristalina, opondo-se ao subjetivismo noturno dos românticos. Segundo Costa Lima, não há em Cabral a sacralização poética da mulher. Ela é vista na sua naturalidade, como são vistas as facas, as balas e as cabras. E mesmo quando o poeta apresenta a imagem volúvel da água, mediante a qual há um desdobramento da imagem feminina, revelando seus horizontes internos, a mulher permanece objeto.

Também não se encontra na obra de João Cabral, a mulher desvelada pela sensualidade pura e vulgar. Não se encontra palavras eróticas ou pornográficas e nem representação ou mesmo citação de áreas erógenas do corpo feminino. A mulher é desvelada pela construção imagética, a nudez revela-se e esconde-se por meio das imagens concretas com as quais o poeta produz o símile.

João Alexandre Barbosa, afirma em *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto* (1975), que a mulher entra no texto cabralino pela linguagem “seja da dança, seja da arquitetura, seja das águas do ‘Rio e/ou poço’, seja da própria palavra, seja das frutas do Nordeste” (BARBOSA, 1975, p.163).

As referências à mulher são feitas por meio de elementos naturais que remetem a sensações. A mulher é água, fogo, animal, fruta, casa, vegetal, mineral, gaiola, palavras, enfim, a mulher é identificada por elementos naturais concretos e através destes elementos Cabral poetiza a imagem feminina. Sendo assim, o feminino é representado como a mulher que é onda (em “Imitação da água”); ou como a mulher que é fruta (em “Jogos frutais”). A mulher na poética cabralina é sempre apresentada como modelo de





virilidade. O único poema em que se percebe a figura feminina relacionada a fragilidade é no poema “A mulher e a gaiola”.

Concluindo, João Cabral representa a mulher de sua maneira antilírica e antipetrarquiana a partir de metáforas e da representação por elementos naturais ou não. Sua representação feminina não paga tributos ao modelo clássico, como afirma o próprio Cabral em entrevista a Antonio Secchin (1995):

É um tratamento feminino que não é usado para falar de mim, de minha vida. É verdade que sempre falamos um pouco de nós, a simples escolha do assunto já é uma opção pessoal. Mas quase sempre, veja o caso de Vinícius de Moraes, o tema feminino é abrigo de reações excessivamente subjetivas e até biográficas. Além disso, por que só a mulher deve monopolizar essa libertação de ânimo? O poeta deveria demonstrar seu estado de espírito até no ato de descrever um açucareiro. Na minha poesia a mulher é um tema a mais, como qualquer outro. Não o utilizo para confessar frustrações amorosas. Descrevo uma mulher sem biografia; o que ela representou na minha vida não vem ao caso (MELO NETO, 1995, In: Secchin, p.305).

Sendo assim, na poesia cabralina a mulher é apenas um tema a mais, como qualquer outro, retratado sem subjetividades líricas. Na vasta produção poética de João Cabral de Melo Neto, deparamos-nos com poemas nos quais a mulher sempre estará associada a um objeto ou elemento da natureza. A mulher passa assim, por um processo de perda de suas características humanas. Cabral, através do símile, a retrata em um processo que a desumaniza e a metáforiza em forma de objetos concretos. Concluindo, a mulher na poética cabralina sempre será casa, égua, cavaleira, fruta ácida do nordeste, água, vento e/ou fogo.





Referências

ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BARBOSA, João Alexandre. **A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

BARBOSA, João Alexandre. **A poesia crítica de João Cabral**. Revista Brasileira de Literatura CULT. São Paulo, nº 29, p. 23-29, dez., 1999.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 77-88.

CARDOSO, Helânia Cunha de Sousa. **Motivo Feminino e Construção Poética e João Cabral de Melo Neto**, Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001.

SCOREL, Lauro. **A pedra e o rio: uma interpretação de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

LIMA, Luiz Costa. **A traição conseqüente ou a poesia de Cabral**. In: Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 237-410.

MARQUES, Patrícia. **Quaderna: a lírica erótico-amorosa de João Cabral de Melo Neto**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **João Cabral de Melo Neto, Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. João Cabral de Melo Neto, **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.





_____. **Poesias completas**: 1940 – 1965. Rio de Janeiro: José, Olympio, 1986.

MERQUIOR, José Guilherme. “**Onda mulher, onde a mulher**” In: Razão do poema; ensaios de crítica e estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 96-101.

MERQUIOR, José Guilherme. **Nuvem civil sonhada** – ensaio sobre a poética de João Cabral de Melo Neto. In: A Astúcia da Mimese: ensaios sobre crítica. Rio de Janeiro: José Olympio/Conselho Estadual de Cultura, 1972, p. 69-172.

PEIXOTO, Marta. **Poesia com coisas** (Uma leitura de João Cabral de Melo Neto). São Paulo: Perspectiva, 1983.

PEIXOTO, Marta. “**Um pomar às avessas**”: gênero e figuração da escrita em João Cabral. In: Colóquio: Letras, n.º157-158, 2000, págs. 229-240.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

SILVA, Leticia Batista da. **As seis mulheres de A educação pela pedra**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p.141-156.

